

REVISTA ESCOLAR

ORGAM DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO I

5. PAULO - 1.º de Dezembro de 1925

N.º 12

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Largo do Arouche, 62

Redactor-director:

Prof. J. Pinto e Silva

Redactores-auxiliares:

Prof. Dr. José Veiga
Alduino Estrada

SUMMARIO:

REVISTA ESCOLAR.

LIÇÕES PRATICAS: 1 — Linguagem. 2 — Arithmetica. 3 — Geographia. 4 — Geometria. 5 — Instrucção moral e civica. 6 — Physica. 7 — Physiologia. 8 — Historia do Brasil.

PEDOLOGIA: 1 — Evolução psychica da criança.

LIÇÕES DE COISAS: 1 — O fogo. 2 — O cajú. 3 — O gafanhoto. 4 — Pedras preciosas. 5 — A caneta. 6 — O relógio. 7 — Quêda dos corpos. 8 — Condimentos.

QUESTÕES GERAES: 1 — Palestras sobre ensino. 2 — A instrucção popular.

LITERATURA INFANTIL: 1 — Os colonos. 2 — O ferro electrico e o ferro a carvão. 3 — Conselhos á penna. 4 — A S. Paulo. 5 — O jardim da vovó. 6 — Uma gotinha de chuva. 7 — O carroceiro. 8 — Pirulito que bate, bate... 9 — Uma saudação.

METHODOLOGIA: 1 — Processo educativo.

EDUCAÇÃO PHYSICA: 1 — Jogos escolares.

O "FOLK-LORE" NAS ESCOLAS.

NOS ARRAIAES DO ENSINO: 1 — Do espirito philosophico no ensino.

VULTOS E FACTOS: 1 — Galeria nacional.

ESCOTISMO.

PAGINA DA CRIANÇA: 1 — Exercicios de raciocinio.

NOTICIAS: 1 — Gymnasio do Estado. 2 — "15 de Novembro." 3 — A instrucção no Rio Grande do Norte. 4 — "Festa da Bandeira."

SECRETARIA DO INTERIOR: 1 — Actos diversos.

S. PAULO - Brasil

1925

os paragraphos, as sentenças e as palavras. Evitar-se-á o constante levantar de mãos.)

P. — Vou ditar, e vocês vão escrever. Lembrem-se que não posso repetir e que ninguém deverá escrever enquanto eu estiver falando. (Dita a primeira sentença.) Repita, Mario.

A. — (Repete.)

(Dois ou tres alumnos poderão repetir, conforme a difficuldade que offerecer a sentença.)

P. — Vamos continuar: todos escrevam.

A. — (Escrevem.)

(Far-se-á o mesmo com o resto da lição. Enquanto os alumnos estiverem escrevendo, não poderão sêr interrompidos. Todas as difficuldades deverão sêr previstas e explicadas antes de começar o ditado propriamente dito. No caso de apparecerem sentenças longas, poderão estas sêr divididas, sempre pelo sentido.)

Notar-se-á grande melhoria nos ditados depois dalgumas lições assim preparadas.)

ARITHMETICA

FRACÇÕES DECIMAES

III

A invenção dos decimaes foi uma das felizes inspirações do homem. Tão gradualmente foram as fracções decimaes introduzidas, que os historiadores da Mathematica não pódem assignalar, com precisão, a sua origem. Stevinus, em 1590, publicou uma obra em que procurou mostrar o grande valor pratico dos decimaes. Que a humanidade nem sempre adopta, de prompto, um grande melhoramento, prova-o a demora com que foi acceto o Calendario Gregoriano; prova-o tambem a opposição que o Systema Metrico ainda hoje encontra nalguns paizes.

Sómente um seculo depois de Stevinus, que as fracções decimaes foram introduzidas; não demoraram, porém, em provar a sua grande vantagem sobre as fracções ordinarias.

(Sempre á vista do papel dividido em decimos e centesimos.)

Professor. — Arranjem os quadradinhos da primeira linha, bem certos.

Alumno. — Os centesimos estão bem arrumadinhos.

P. — Essa primeira linha o que representa?

A. — Um decimo.

P. — O decimo está, por sua vez, dividido em dez partes.

A. — Dez centesimos, não é, professor?

A. — O decimo tem dez centesimos.

P. — Sim. Prestem bem attenção ao que Alcides disse.

A. — Eu estou prestando, professor: um decimo tem dez centesimos.

P. — E dois decimos quantos centesimos têm?

A. — Dois decimos têm vinte centesimos.

P. — E trinta centesimos quantos decimos terão?

A. — (?)

P. — Trinta, quantas vezes contêm dez?

A. — Têm tres vezes dez... Ah!... são tres decimos.

P. — Metade do quadrado, quantos centesimos são?

A. — São cincoenta centesimos.

P. — E quantos decimos?

A. — São cinco decimos.

P. — Amador, vinte e tres centesimos quantos decimos são?

A. — São dois decimos e sobram tres centesimos.

P. — E' só olhar para as casas. O 2 está na casa dos decimos e o 3, na casa dos centesimos. (Dará exemplos variados.) Venha ao quadro-negro, Americo. Voltemos á fazenda. O fazendeiro plantou ,10 da sua fazenda em canna; ,25 em café; ,13 em milho e ,12 em feijão. Quanto da fazenda plantou elle?

A. — (Escreve, sommando.) $.10 + .25 + .13 + .12 = .60$.
O fazendeiro plantou 0,60 da fazenda.

P. — Agora, quero saber que parte não está cultivada, Antenor?

A. — Esse problema eu não sei fazer.

P. — Sabe, sim. Vamos experimentar juntos. Eu o ajudarei. Para saber a parte que não está plantada, basta tirar... o que?

A. — Tirar da fazenda toda, a parte que está plantada.

P. — Então, escreva 1 para a fazenda toda.

A. — (Escreve.) 1.

P. — Esse 1 leva, á direita, uma virgula, para separar o inteiro da fracção.

A. — Mas, a fazenda é inteira, não tem fracção!...

P. — Ponha a virgula, e depois veremos. Esse é o minuendo. Delle vamos tirar a parte plantada. Quanto é mesmo?

A. — Sessenta centesimos.

P. — Escreva embaixo ,60, mas tenha cuidado com a virgula!

A. — Não posso subtrair. Não ha nada no minuendo!

P. — Ponha zeros nas casas fraccionarias do minuendo e depois póde fazer a conta.

A. — Agora vejo para o que era a virgula!

A. — Ficaram 0,40 sem cultivar.

P. — Desses 0,40 ,13 eram ocupados por mattas e o restante por pastos. Quanto da fazenda occupavam os pastos?

A. — (Escreve.) $.40 - .13 = .27$. Os pastos occupavam ,27 da fazenda.

P. — Agora, o quadrado não é mais a fazenda; é a nossa classe.

A. — Eu posso resolver esse problema?

P. — Venha resolvel-o. Vá escrevendo. Perguntando eu qual era a lição de que mais gostava minha classe, achei que: ,3 da classe preferiam Arithmetica; ,23 Leitura; ,18 Linguagem; ,1 preferia Historia e o restante Geographia. Que parte da classe prefere Geographia?

A. — Com um problema assim, eu tambem prefiro Geographia!

A. — Pois eu sei. Vou sommar. (Escreve.) $.3 + .23 + .18 + .1 = .81$.

P. — Agora, da classe toda, que é 1, tire isso.

A. — $1,00 - .81 = .19$. Dezenove centesimos da classe preferem Geographia.

GEOGRAPHIA

LATITUDE E LONGITUDE

(Continuação)

Tendo-se conseguido que as crianças entendam porque e para que temos *longitude* e *latitude*, melhor entenderão o estudo a respeito.

Professor. — Hoje vamos imaginar que a *Terra* esteja coberta de fileiras e filas de carteiras, como em nossa sala de aula.

A. — Si rodeiam a *Terra*, hão de sêr circumferencias e não filas nem fileiras!...

P. — Justamente. Muito bem, Alcides! E eu disse *imaginar*, por isso já sabem que essas linhas não existem, mas as imaginamos. Este circulo (mostrando-o no globo) bem grande, aqui no meio, é o *equador*. Quaes são os meninos que occupam o equador, aqui na sala?

A. — Bem no meio da sala, não é, professor?

P. — Justamente.

A. — São: Oscar, Nestor, Mario, Luiz e Karl.

P. — Si eu lhe pedir, Alberto, o nome dum certo menino, que está sentado numa certa carreira, digamos a 1.^a, ao norte do equador, saberá você quem é?

A. — Não sei ao certo, porque elle póde estar em qualquer logar dessa 1.^a carreira.

PEDOLOGIA

EVOLUÇÃO PSYCHICA DA CRIANÇA

(HENRI BOUQUET. — Trad.)

4. — O TACTO

(Continuação)

O tacto é evidentemente o mais precoce de todos os sentidos que apparecem na criança.

Os reflexos que vimos sêr no recém-nascido a séde, desde os primeiros instantes, de sua existencia, resultam do tacto e sabemos que se produzem ao tocar um ponto qualquer do revestimento cutaneo ou mucoso. Já, entretanto, nesse periodo, ha certas regiões desse revestimento que são mais sensiveis e nesta ordem estão as mucosas, principalmente a dos labios e a da lingua que dum modo constante apresentam o reflexo da sucção.

O tacto lingual, tão precoce na criancinha, é um dos que dão as mais vivas impressões e ao qual a criança recorre de boa vontade. Póde-se dizer que, de preferencia, a criança *sente o tacto com a lingua* durante uma grande parte do primeiro periodo de sua existencia que aqui estudamos. Tudo que ella péga, tudo que se lhe dá para segurar, tudo que se lhe apresenta é logo levado á boca e posto em contacto com a lingua e os labios. Parece deste modo reconhecer a natureza dos objectos, e vimos acima que o gosto tem uma parte restricta nesse acto, si é que elle entra em jogo.

A criança põe facilmente a lingua fóra da boca assim que uma coisa se lhe approxima. E' indiscutivel, além disso, que todo objecto posto em contacto com a mucosa da boca, dos labios, da lingua, excita e suscita logo o reflexo da sucção. Este instincto se perpetua na criança com uma constan-

cia até lamentável e é a esta permanencia que se deve a mania de certas crianças chuparem os dedos, mania que pôde durar muitos annos.

O tacto manual, menos precoce que o lingual, não existe realmente sinão quando a vida está bem desenvolvida. Já, entretanto, antes desta época pôde-se definir a existencia do tacto pelo menos rudimentar. Quando se acaricia ou se faz cócegas na palma da mão duma criança, põe-se em jogo desde os primeiros dias um reflexo que lhe faz fechar os dedos ou pelo menos agital-os.

Mais tarde, a mão da criança assim excitada tomará o objecto posto em contacto com ella ou pelo menos fechará ao recebel-o.

Depois, na época em que a criança vê bem os objectos, ella mesma fará o tacto trabalhar, quer tomando os objectos, quer passando a mão pela superficie delles.

Nessa época, isto é, no sexto mez, a criança quer pegar tudo o que vê, como já dissemos, até as coisas que não se pôdem pegar. Porém, as mais das vezes só pega de boa vontade as primeiras que conhece. Parece que as outras lhe inspiram uma especie de medo; precisa conhecê-las antes de segurá-las, e é só com insistencia e após muitas hesitações que se consegue fazê-las pegar.

Uma vez pegado o objecto (e naturalmente levado á boca) é frequente vêr a criança abandoná-lo immediatamente. Num certo numero de casos, o objecto é deixado por um outro mais conhecido ou mais attraente pelo colorido. Em outros casos, é simplesmente abandonado, porque as sensações da criança não têm duração. Parece que a noção tactil se cansa num lapso de tempo muito curto; a criança não larga, propriamente falando, o que segura; abre simplesmente os dedos como si nada segurasse.

O tacto se reconhece mais tardiamente nos membros inferiores que nos superiores, e o contacto da planta dos pés, por exemplo, tão sensível no adulto, conserva-se muito tempo obscuro na criancinha. Acontece o mesmo, e até num grau supe-

rior, quanto ao contacto das outras partes do corpo, que se conservam muito tempo insensíveis.

Ao lado dessas sensações de puro contacto é preciso collocar as noções thermicas que seguem o mesmo processo e desempenham um papel consideravel nos primeiros mezes da existencia. Vimos que eram as principaes excitadoras dos reflexos das primeiras horas.

São ellas tambem que levam á criança as primeiras manifestações de bem-estar ou de desprazer.

O frio é muito cedo sentido pela criança, o qual a faz gritar com a mudança de fraldas ou na hora dos banhos, quando são dados numa temperatura muito baixa. É tambem apreciado o calor suave, temperado do banho, do berço, causando-lhe uma sensação agradável que se manifesta pela calma succedida aos gritos ou pelo somno tranquillo.

As sensações desagradaveis de picada ou beliscada são sentidas muito cedo e occasionam reacções vivas.

Sabe-se, além disso, que se recommenda, com muita razão, ás mães e ás amas que quando a criança grita sem causa apreciavel, é preciso despil-a completamente, pois seus gritos são provocados, ás vezes, por um alfinete mal collocado ou por uma préga muito dura de suas roupinhas.

Em resumo, vemos que o tacto é um dos sentidos, cujas manifestações são percebidas com mais rapidez.

(Continúa.)